

# Pacote pode restringir importação

■ Presidente antecipa sua volta da Venezuela e avalia medidas que serão adotadas para o ajuste fiscal

O presidente Fernando Henrique Cardoso antecipou sua volta da Venezuela e avalia hoje um conjunto de propostas para aumentar impostos e reduzir gastos. Entre as medidas está a elevação das alíquotas do Imposto de Importação, que, além de aumentar receitas, reduziria o déficit da balança comercial. A revisão do imposto teria que ser negociada com parceiros do Mercosul. Entre as

opções estão o aumento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para bens de consumo e do Imposto de Renda de Pessoas Jurídicas (IRPJ). A equipe econômica está propondo ainda o corte de incentivos fiscais e a eliminação das doações ao Estatuto da Criança e do Adolescente e ao Fundo Nacional de Cultura, que consomem R\$ 200 milhões. Só com a elevação da Contribuição

Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) de 0,2% para 0,25%, o governo arrecadaria mais R\$ 1,8 bilhão em 1998. O retorno de Fernando Henrique fez com que o ministro do Planejamento, Antônio Kandir, e o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, viajassem ontem para Brasília. (Págs. de 5 a 7, de 25 a 30, Celso Pinto e Informe Econômico)

## LÍNGUA VIVA

Como usar palavras compostas no plural

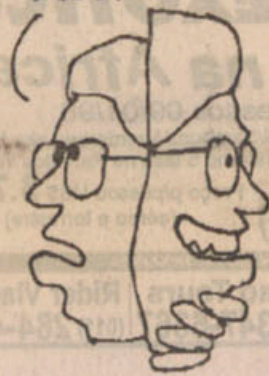
## Seu Bolso

UM CADERNO PARA TODA A FAMÍLIA

Qual é o peso da mensalidade escolar

## VERISSIMO

PENSEM EM  
ALGOUMA COISA, RÁPIDO.  
NÃO SEI POR QUANTO  
TEMPO VOU CONSEGUIR  
SEGURAR



## CANTO DO RIO

Confidências da crise ao Armando do Bracarense

## XEXÉO

Os anos 70, na TV, eram mais justos

Página 12

## Dorival Caymmi chega aos 60 anos de vida bem carioca

Há 60 anos, Dorival Caymmi descia de um *ita* na Praça Mauá com um violão, para conquistar o Rio com músicas praieiras e sambas-canção. O genial compositor baiano fala de sua vida carioca, de arte e dos amigos. (Págs. 1 e 2)

## DANUZA

Mangueira faz feijoada para Chico

Página 3

## ESCRETE DE COLUNISTAS

Armando Nogueira, Sérgio Noronha, Tostão e Zagalo

# B

Evandro Teixeira



## Botafogo empata e está fora

O Botafogo empatou com a Portuguesa por 3 a 3 ontem à noite no Maracanã e está fora da segunda fase do Campeonato Brasileiro. A oitava vaga ficou com o Juventude, do Rio Grande do Sul, que empatou com o Bahia (0 a 0), resultado que rebaixou o time baiano. O Criciúma empatou (1 a 1) com o Atlético Paranaense e também cai para a Segunda Divisão. Hoje, no Maracanã, o Flamengo enfrenta o União São João. (Esportes)

## CLASSIFICADOS



Vasco  
Internacional  
Atlético-MG  
Palmeiras



Flamengo  
Santos  
Portuguesa  
Juventude

## REBAIXADOS

União S. João  
Fluminense

Bahia  
Criciúma

## Prefeito abre Linha Amarela no improviso

O prefeito Luiz Paulo Conde inaugurou ontem o trecho principal da Linha Amarela, ligando a Barra da Tijuca (Zona Oeste) ao subúrbio do Méier. Conde disse que a abertura da via, anunciada recentemente no fim da tarde de sexta-feira, não foi antecipada por pressão política. Em seu discurso, o prefeito criticou o governador Marcello Alencar, que durante a semana ameaçou passar a Linha Amarela para a administração estadual, acusando o município de ter cometido erros técnicos na construção. Ficou claro o improviso na inauguração. Minutos antes da solenidade, garis ainda ajeitavam placas, podavam o mato e limpavam pistas cheias de terra. Às 14h30 registrou-se o primeiro acidente, envolvendo um Passat e uma picape. A batida foi causada pela falta de sinalização indicando que uma rua próxima à Linha Amarela deixou de ser preferencial. O motorista do Passat vai processar a prefeitura. (Págs. 33 e 34)

## SUPER TV



Mylla Christie, mais uma atriz que cedeu à tentação de posar nua

## DOMINGO



Pesquisa Gerp/JB revela habilidade do carioca para passar cantadas e sua reação ao recebê-las

## Sete mortos em show dos Raimundos

Sete pessoas morreram e cerca de 70 ficaram feridas em acidente na madrugada de ontem no show do grupo de rock Os Raimundos, no Clube de Regatas Santista, Santos. A tragédia foi provocada pela ruptura de um corrimão na rampa de descida do clube, quando aproximadamente 4 mil pessoas, na maioria adolescentes, deixavam o local. Muitos foram pisoteados. Os feridos - 15 em estado grave - estão na Santa Casa de Misericórdia de Santos e no Pronto Socorro Central. (Página 37)

## Pré-escola faz diferença na educação

É na pré-escola, antes mesmo da alfabetização, que a criança desenvolve suas habilidades motoras, aprende a se socializar e aperfeiçoa capacidades cognitivas. Segundo os especialistas, uma boa formação nesta fase é fundamental para o sucesso na escola. Mas os especialistas advertem que é preciso respeitar o tempo e o pensamento dos pequenos. Não adianta queimar etapas, alertam. A partir dos dois anos, a criança começa a formar a personalidade. (Pág. 23)

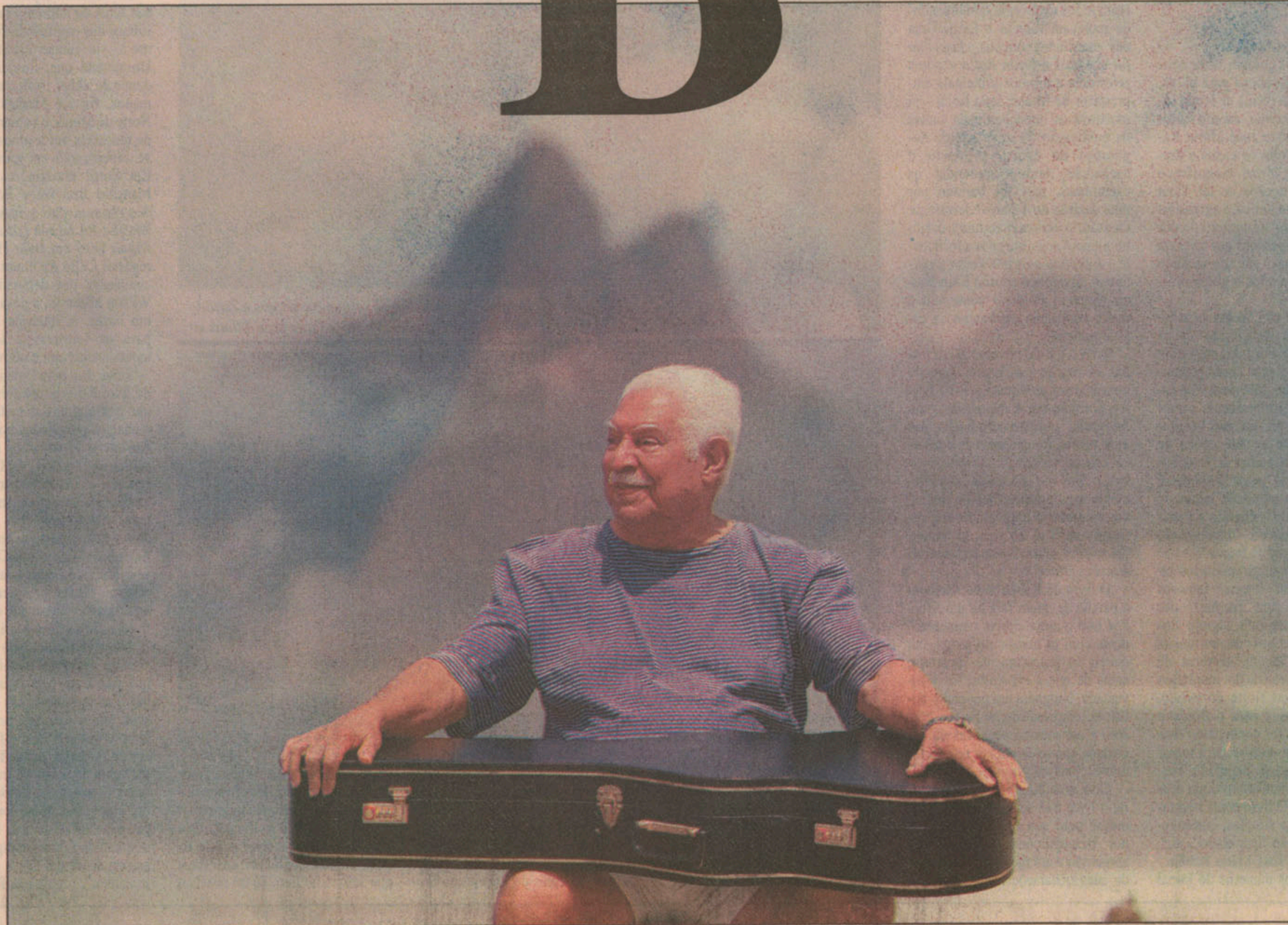
Achei!

LIGUE E ANUNCIE: 516-5000



B

Evandro Teixeira



# Dorival Caymmi

## Um baiano de gênio comemora 60 anos de ventura na terra do rádio e do futebol

ANABELA PAIVA

"Precisavam de uma música para a estrela da época, a Carmem Miranda, cantar num desses filmes de carnaval, Banana da terra. O cenário já tinha alguma coisa de baiana e eles tinham escolhido Na baixa do sapateiro, de Ary Barroso. Mas o Ary já estava fazendo sucesso e resolveu cobrar um cachê à altura do valor dele. Aí veio a proposta. Braguinha e Almirante disseram: 'É bom negócio, você, um estreado, ter uma música cantada pela Carmem. Recebi cem mil réis. Eu já tinha a idéia de fazer uma música descrevendo a roupa da baiana, como era, não distorcida como aparecia no teatro de revista. Falar do pano da costa, dos balangandãs – essa palavra ninguém conhecia, eu a descobri nas conversas de família. Um parente me mostrou a peça de ourivesaria, que as negras usavam na cintura. Fui fazendo O que é que a baiana tem? como o roteiro da roupa, do torso à sandália. Quando a Carmem viu, falou: 'O Ary vai ficar danado, mas essa música eu não vou largar'. Ela já gesticulava muito quando cantava, e era bonito. Mas quando ela estava ensaiando, eu ia fazendo os gestos, dirigindo, indicando o torso, a pulseira, o pano da costa. Depois da estréia, na saída do Metro, eu ouvia o povo saindo e dizendo: 'O melhor do filme é a Carmem cantando aquela música da baiana'. Era a glória."

Sete da noite e o *Itapé* chegava ao cais do Rio de Janeiro, quatro dias depois de partir de Salvador. Na proa, o baiano Dorival Caymmi vislumbrava o cartão-postal noturno do Rio de Janeiro. "Falavam muito no colar de pérolas de Copacabana, mas o que eu via era o contorno das montanhas do Rio – o que a imprensa da época chamava de o gigante que dorme", lembra hoje, aos 83 anos. Em 4 de abril de 1998, 60 anos terão se passado desde aquela noite em que Caymmi desembarcou na Praça Mauá com seu violão embrulhado em papel azul e os planos de retomar os estudos, interrompidos no ginásio. Propósitos logo abandonados quando o seu talento evidente lhe garantiu um contrato na rádio um mês depois. A comemoração da chegada do genial baiano já começa amanhã: marcando o lançamento da revista *Bravo!*, no Espaço Unibanco de Cinema, em Botafogo, Dorival vai contar as histórias de uma vida, com seu tempero pessoal, mistura de cocada com dendê.

Na sexta-feira, no seu apartamento protegido por guias e santos em Copacabana, o *obá* Caymmi concordou em deixar por algumas horas os cuidados com a adoentada mulher, Stela, e a azáfama da reorganização da casa após uma obra ("este banheiro está um luxo", orgulha-se), para compartilhar lembranças e aprendizados. Na sua fala calma, amaciada pelo sorriso, Caymmi lembrou os primeiros anos da sua carreira. Recebido pelo quase primo José Pitanga, foi se instalar na pensão da Dona Julieta, na Rua São José, centro da capital. Desde os 16 anos, trabalhava como escriturário, mas sonhava formar-se em Direito. José Pitanga, vendo-o tocar violão e cantarolar várias das canções praieiras, que formariam um disco antológico em 1957 (*O mar, É doce morrer no mar*), recomendou: "Que Direito! Isso aqui é a terra do futebol e do rádio!"

E era. Através de Assis Valente, que manejava um boticão de dentista na vizinhança, Caymmi logo estaria empregado na Rádio Tupi. Era o tempo em que as rádios tinham

o seu próprio *cast*. "Não cante para mais ninguém", disse-lhe Teófilo de Barros Filho, o diretor, prometendo um cachê de 30 mil réis por apresentação. Um baixinho bem vestido e com jeito de chefe veio ouvi-lo e ficou doído. Era Assis Chateaubriand, o dono da rádio e de todo o grupo Diários Associados. "Tive por ele muita amizade. A coragem, a inteligência e a cultura dão para apagar tudo o que dizem de ruim dele."

Caymmi estreou em 24 de junho, numa festa de São João que a rádio transmitiu. Barcellos Frias, o *speaker*, anunciou: "O cantor que vocês acabaram de ouvir acha-se à disposição na Rua São José, 35". Foram logo bater lá. Da Tupi, Caymmi foi para a todo-poderosa Rádio Nacional, já anunciado por *A noite* como "cantor de *folk-lore* possuidor de uma grande classe artística e vigoroso poder de interpretação". O rádio lhe trouxe o casamento com Stela, na verdade Adelaide Tostes, mãe dos filhos Nana, Danilo e Dori. Em 1940, Dorival assistia ao programa de calouros que ela ganhou. "Eu estava sentado no auditório e pensei: 'Que beleza! O que será que ela vai cantar? Loura, deve ser alguma coisa americana.' E ela cantou *Feitiço da Vila*, de Noel Rosa. Caf duro."

Nessa época, Caymmi já era famoso. O *estouro* veio com *O que é que a baiana tem?*, cantada por Carmem Miranda no filme *Banana da Terra* e gravada pelos dois num disco da Odeon. De um dia para o outro, virou celebridade. "Eu passava na rua e me apontavam." Era convidado para cantar em clubes, nos cassinos. Caymmi aceitou a fama, no seu jeito filosófico. Assim como aceitou a chegada da bossa nova, que João Gilberto confessa ter construído sobre os pilares de Caymmi. Boêmio, Caymmi esquadrihava a noite com amigos como o compositor Fernando Lobo e o cronista Antônio Maria. As casas com pianistas ao vivo vinham substituir os cassinos, já proibidos. "Um colega me disse: 'Quem anda na noite sabe: tem uma rapaziada af que é fogo! Af, num bar à tarde, me apresentou o Tom Jobim. 'Esse af é dos nossos! Esse af vai dar trabalho!'"

Ao tropicalismo, ele assistiu de longe. O que mais interessou ao pintor das temporadas na casa de Rio das Ostras foi o trabalho de artes plásticas de Hélio Oiticica e Lygia Clark. "Gosto de Ticiano e Picasso. Mas uma obra de arte tem de ter mais do que beleza, ter um conteúdo especial. É difícil explicar. O mistério da arte se impõe ao homem."

Se Dorival pouco foi marcado pelo tropicalismo, os tropicalistas ainda hoje lhe rendem homenagem. Em seu recém-lançado *Verdade tropical*, Caetano escreve: "As canções de Caymmi parecem existir por conta própria, mas a perfeição de sua simplicidade, alcançada pela precisão na escolha das palavras e das notas, indica um autor rigoroso." Famoso por levar 10 anos burilando uma canção como *João Valentão*, Caymmi, autor de 100 canções, quase todas clássicas, sorri. "Está muito bem dito. Ele é um homem de qualidades especiais", conta, lembrando de uma temporada à qual Caetano compareceu todas as noites. Cantarola: "O curimã, ei, curimã lambaio". E explica: "É o nome de um peixe, curimã, e a idéia de tamanho, lambaio. É um encontro que me veio espontaneamente". Depois, mostra a precisão dos versos "Vento que dá na vela/ vela que leva o barco." Vela e leva, irmãs nas letras e sílabas.

Volta e meia, lhe cobram novas canções. Mas Caymmi, como Mário de Andrade, acredita que "a preguiça é fundamental. De um bocejo nasce um sonho. E de um sonho se tira um real". Mesmo assim, ele ainda acalenta o projeto de reunir pequenos textos para publicar num folheto. Inéditas? "Não sei se tem. Gostaria de vasculhar a minha cabeça para procurar." Janeiro, passa boa parte do tempo vendo o tempo e os vizinhos passarem. Há cinco anos, conversa diariamente com uma fã, hoje amiga, que nunca viu. "Ela fala o que lhe dá na cabeça. É assim que eu prefiro." Até a recente morte do amigo-irmão Carybé ele aceita. Os dois se conheceram em 1940, num baile de carnaval, no Rio. "Carybé é um negócio. Carybé é Carybé. É tão natural que não sei como chegamos um no outro. A obra dele está af. Para mim ele está vivo."

"O Rio e Salvador não têm mais nada a ver com a cidade que eu amava. Itapoã era o lugar onde eu ia passar as férias da escola. Era uma coisa poética, natural. Não havia estrada, só um caminho de barro. A gente ia a pé, do centro, uma caminhada muito longa, tomando banho de mar no caminho. No Rio, eu entrava na Galeria Cruzeiro e já sabia quem ia encontrar. Num dos bares era o ponto do Pixinguinha. A cidade tinha charme. No bar Villarino ia toda gente famosa: Tom Jobim, Sérgio Porto, Lúcio Rangel. No Leblon, morei de 45 a 51, a Bartolomeu Mitre era deserta, a praia uma delícia. Moravam pessoas de vida intelectual, que escolhiam o Leblon porque não tinha trânsito. O bonde parava na altura do Bar 20. Outro dia fui ao Centro. Pensei: quem disse que aqui no Café Nice conheci Mário Lago, Custódio Mesquita, Orestes Barbosa, tanta gente boa? No Café Metrôpole, encontrava jogadores de futebol; na Escola de Belas Artes, a fina flor da arquitetura, da pintura. A cidade era uma atração louca. Mas é preciso ter saudade sem amargor. O que acho da música baiana? Para mim música baiana é "Na barra chegou dois navios de guerra/ não botou bandeira/ não salvou a terra". Não é botar trancinha, tentar trazer a África que já não é. Mas tudo isso eu aceito. Não há lugar para amargor e arrependimento."





*Dorival em 1939, na Tupi*

■ **Continuação da página 1**

## Caymmi é atração de nova revista

Saborosas na leitura, as histórias de Dorival Caymmi são ainda mais deliciosas contadas com a brejeirice do próprio. Amanhã, às 21h, no Espaço Unibanco de Cinema, em Botafogo, os privilegiados convidados da revista *Bravo!* vão ter a oportunidade de ouvir Caymmi entrevistado por quatro conhecedores de sua obra. Os jornalistas Tárík de Souza, crítico do **JORNAL DO BRASIL**, João Máximo, Mauro Ferreira e o amigo e pesquisador de música Sérgio Cabral irão sabatinar o compositor. Admirador confesso do baiano, Tárík considera que Caymmi "arquitetou uma obra aberta e durável, à prova dos imediatismos e continuada no trajeto dos filhos." O resultado da conversa será publicado na revista *Bravo!* durante o ano de 1998.

A conversa é a grande atração do lançamento carioca da *Bravo!*, recém-lançada publicação da editora D'Ávila Comunicações, que também publica a revista *República*. "A idéia é fazer uma revista de cultura sofisticada, que trate o público com muito respeito, oferecendo reportagens aprofundadas, apresentação de alto nível e informação sobre a programação do Rio e de São Paulo. A cultura do Brasil precisava de uma revista assim", diz o editor da revista no Rio, André Luiz Barros. (A.P.)